

UMA LEITURA COMENTADA DE: *A OBRA EM NEGRO* DE M. YOURCENAR

Alex Rezende Heleno (UFV)¹

Resumo: O presente artigo tem por finalidade o estudo d'A Obra em Negro, de Marguerite Yourcenar, buscando refletir acerca da construção literária a partir da releitura de um momento histórico definido: o transcorrer do século XVI, que é marcado pelo fim da Idade Média e início do Renascimento. Analisar-se-á o personagem principal, Zênon, que está na busca pelo conhecimento alquímico, médico, filosófico e, acima de tudo, pelo conhecimento de si. Verificar-se-á o conflito entre suas ideias e as imposições de uma sociedade marcada pela intolerância religiosa e pela Inquisição.

Palavras-chave: História; Literatura; indivíduo; Inquisição.

Introdução

Marguerite Yourcenar (1903-1987) é uma das principais representantes da literatura francesa do século XX e foi a primeira mulher eleita para a Academia Francesa. Tornou-se mundialmente conhecida com obras traduzidas em português e outras línguas. Romancista, poeta, tradutora, ensaísta e crítica, é vista geralmente como autora de narrativas autobiográficas e de romances considerados históricos e "humanistas".

A formação cosmopolita é uma característica da autora. Nascida na Bélgica, viveu em seguida na França e morou ainda criança em Londres, onde aprendeu o Inglês. Realizou inúmeras viagens ou longas estadias em diversos países, como Itália, Suíça, Escandinávia, Marrocos, Egito, Canadá, Japão, Índia, Quênia e Estados Unidos, onde passou grande parte de sua vida. Dominando o latim e o grego, tornou-se leitora assídua dos autores clássicos.

¹ Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: alex.heleno@ufv.br.

No Brasil, as obras mais conhecidas de Yourcenar são os romances: *Memórias de Adriano* (publicado em 1951), *A Obra em Negro* (publicado em 1969) e *Alexis ou o tratado do vão combate* (publicado em 1929).

A partir da publicação de *Memórias de Adriano*, em 1951, e da obtenção pela autora do prêmio “Femina” em 1952, Yourcenar obteve na França e no mundo inteiro um imenso sucesso. A publicação de *A Obra em Negro*, em 1968, com a subsequente premiação com o prêmio “Femina”, no mesmo ano, veio corroborar este sucesso. Em 1970, Yourcenar foi eleita para a “Académie Royale de langue belge et de littérature française”, e em 1971 obteve o prêmio literário de Mônaco. Em 1974, ela obteve o Grande Prêmio Nacional das Letras e em 1977 o Grande Prêmio da Academia Francesa. Em 1980, foi eleita para a Academia Francesa e 1983 recebeu o Prêmio Erasmo em Amsterdam. Tais honrarias e premiações consolidaram definitivamente o sucesso da autora e lhe garantiram destacado espaço no campo literário francês.

O romance *A obra em Negro* (1981- ano da edição utilizada neste trabalho) nos narra a história de Zênon, personagem inventado, que exercia as funções de médico, alquimista e filósofo. Acompanhamos o personagem de seu nascimento ilegítimo em Bruges, no ano de 1510, até sua condenação à morte (data não especificada no romance). Somos levados pelo personagem a uma viagem através da Europa e do Oriente do século XVI. Viagem na qual Zênon exerce as atividades médicas junto às vítimas da peste e junto aos pobres, contribuindo para o progresso da ciência de seu século com suas experiências do espírito e da carne. Numa constante dúvida entre revolta e compromisso, o personagem vive angústias e problemas que não deixam de ser atuais.

A Obra em Negro nos dá uma imagem de um período conturbado pela inquisição e por imposições que restringiam a liberdade e ditavam as condutas para um comportamento que “agradasse” a Deus e ao Rei. O título da obra se refere a uma antiga fórmula alquímica: “l’oeuvre au noir” que se trata da fase de separação e dissolução da matéria que constitui a Grande Obra. Representa também as provas a que se submete o espírito para se libertar da rotina e dos preconceitos.

1. Entre textos da História e da Literatura

A relação entre história e literatura na obra de Marguerite Yourcenar obteve reconhecimento e sucesso com a publicação de *Memórias de Adriano* (1951), obra em que se recria um momento histórico específico: o Império Romano sob o reinado do Imperador Adriano. Yourcenar se utiliza de fatos, documentos e análises históricas para nos dar uma visão literária acerca desse momento. As memórias nos são narradas pelo próprio personagem, Adriano, em que se percebe uma preocupação maior com as questões pessoais do que com o Império em si.

Em *A Obra em Negro*, Yourcenar também constrói a narrativa a partir de um momento histórico específico: o século XVI. Mas aqui temos um personagem inventado que é criado com base em estudos de fatos e datas referentes ao século em questão. Nas notas inseridas pela autora ao final da obra temos a seguinte passagem:

(...) a invenção de uma personagem “histórica” fictícia, como a de Zênon, parece poder dispensar provas documentais... [Contudo] para dar à sua personagem fictícia aquela realidade específica, condicionada pelo tempo e o lugar, sem o que o “romance histórico” não passa de um baile de máscaras bem ou mal sucedido, não teve a sua disposição senão fatos e datas da vida passada, isto é, a História (Yourcenar 1981: 319).

M. Yourcenar nos dá uma imagem do século XVI a partir das viagens do personagem Zênon que está na busca pelo conhecimento da ciência (alquimia, medicina, filosofia) e pelo conhecimento de si. Essas viagens se tornam, também, uma fuga da perseguição realizada pela Inquisição, que condena Zênon pelo teor “imoral, pecaminoso e subversivo” de suas obras. As experiências narradas pela autora vão ao encontro do que nos diz Izabel Andrade Marson em entrevista à revista eletrônica *comciência*: “Ao ‘imitar a vida’ a obra ficcional proporciona um relato que articula, de várias maneiras, vestígios comportamentais, sociais, políticos e culturais de uma temporalidade”. (2012). Contudo, no romance em questão, temos mais do que uma imitação da vida; a obra nos traz uma expressão vivida, os relatos do personagem acerca de seu tempo.

Em um estudo sobre o historiador e os fatos históricos, Edward Hallet Carr (2002: 49) nos diz que “Nossa imagem foi pré-selecionada e predeterminada para nós, (...) por pessoas que estavam conscientes ou inconscientemente imbuídas de uma visão particular e que consideravam os fatos que sustentavam esta visão dignos de serem preservados.” Isso significa que muitos documentos que nos foram legados, sobretudo de fatos historicamente mais distantes do presente, deixaram lacunas. Essas lacunas correspondiam à história daqueles que eram socialmente excluídos. Yourcenar, ao recriar esse período da história nos traz a visão (daquilo que poderia ter sido e que provavelmente o foi) de um personagem comum em meio aos conflitos daquele século. Temos uma concepção, não da elite, mas daqueles que sofriam com a perseguição religiosa e política (através da voz narrativa no texto de Yourcenar). Destaca-se a seguir uma passagem do texto em que se pode perceber o clima de tensão e conflitos que envolvia a sociedade, o Estado e a Igreja:

Ajeitando os ombros, como sempre fazia quando sobre ela baixava o peso dos assuntos públicos, a Regente advertiu então gravemente sobre a necessidade de se conter a insubordinação popular num mundo já convulsionado pelas disputas dos príncipes, o avanço dos turcos, as heresias que solapavam a Igreja. (Yourcenar 1981: 46)

O trabalho de descrever, de certo modo, a configuração desse momento histórico seja no campo social, político ou econômico, torna-se perceptível, também, quando nos é apresentada a pouca segurança das estradas no período abordado pelo romance de Yourcenar. Andarilhos e vagabundos que viviam na miséria e na exclusão roubavam e ameaçavam os transeuntes que se aventuravam por essas estradas, como é o caso de Zênon. A passagem do romance, a seguir, nos relata tal situação: “Ele não lhe explicou nem de onde viera (...) nem que secretos desejos o

arrastavam sem equipagem a estradas pouco seguras, palmilhadas por andarilhos e vagabundos sem eira nem beira (...)” (Yourcenar 1981: 54).

Nesse momento de conflitos religiosos por que passa o século XVI e a insatisfação da população tanto com relação à Igreja católica (com seus padres desonestos e fanáticos que condenam os infiéis e hereges à fogueira) quanto com os protestantes que também desiludem os fiéis, surgem homens que tentam criar sua própria religião (tão injusta e desumana quanto às outras):

(...) um Jan Matthyjs, padeiro alucinado, um Hans Bockhold, dançarino ambulante (...). Dentre eles, mais humilde do que todos, dissimulando seu grande saber, voluntariamente embrutecido para que mais espontânea descesse sobre ele a inspiração divina, um havia que se destacava sob suas vestes de peles e que se chamava Bernardo Rottmann, outrora o mais querido discípulo de Lutero e que blasfemava agora contra o homem de Wittenberg, esse falso justo que acariciava com uma das mãos o repolho dos ricos e com a outra a cabra dos pobres, flacidamente sentado entre a verdade e o erro (Yourcenar 1981: 61).

Um grupo de fanáticos e loucos se forma, então, para fundar a Cidade de Deus, onde acontecem todos os tipos de perversidades e intolerâncias, tão terríveis quanto as realizadas pela Inquisição. E é para este lugar que vão se dirigir a mãe de Zênon, Hilzonda, e seu padrasto, Simão, esperançosos de encontrar um lugar de paz. Para lá se dirigiam também os miseráveis da região:

A esperança, contudo, despontava ao longe como um véu; Münster, onde Jan Matthyjs conseguira instalar-se com êxito após expulsar o bispo e os oficiais da municipalidade, convertera-se na Cidade de Deus, onde pela primeira vez sobre a terra, os cordeiros teriam um asilo (...). Foi de coração confiante que, uma noite, ele (Simão) observou seus miseráveis comensais a enterrar os gorros até os olhos e a envolver o pescoço com trapos aproveitados de uma echarpe de lã, caminhando lado a lado sobre lama e neve, prontos a se arrastar juntos até Münster de seus sonhos (Yourcenar 1981: 62).

A atmosfera de perseguição por parte dos Reis e da Igreja gerava um estado de medo permanente na população, que deveria agir sob os preceitos dessas duas esferas de poder. Assim, Simão age cautelosamente para se dirigir à Münster, intitulada agora Cidade de Deus: “E Simão percorreu esses itinerários. Era preciso ser rápido para escapar às ciladas dos príncipes e dos padres.” (Yourcenar 1981: 64).

Na Cidade de Deus, que se encontrava cercada pelas tropas católicas da Inquisição, vivia-se no fervor de Deus, com sermões que animavam os espíritos desolados dos que ali se instalaram: “A pequena cidadela dos Bons, sitiada pelas tropas católicas, vivia no fervor de Deus. Sermões ao ar livre reanimavam todas as noites a coragem de cada um (...)” (Yourcenar 1981: 65). E ali se proclamou um Rei que era também o conselheiro representante de Deus. Um Rei “abençoado” que não

se inquietava em matar os frouxos e relaxados que representava um grande número daqueles que chegaram à cidade: “Matava-se muito; o Rei (Hans Bockhold) eliminava os frouxos e relaxados antes que infectassem os demais; além disso, cada morte economizava uma ração” (Yourcenar 1981: 66).

A mãe de Zênon foi uma das vítimas dessa “loucura coletiva” ao se render à proposta vil do Rei deixando extinguir sua existência racional diante de tantas ilusões alimentadas por uma fé fanática: “Certo dia, foi ele (Hans Bockhold) à casa de Knipperdolling para entreter-se com Hilzonda (...) cedeu nauseada aos beijos da boca húmida (...) submersa no hálito quente e insípido, Hilzonda deixava de existir, e com ela os receios, os escrúpulos, os dissabores de Hilzonda” (Yourcenar 1981: 66-67).

Após a invasão das tropas católicas, causando a destruição da Cidade de Deus e condenando aqueles seres que já haviam perdido o senso de humanidade, Joana, senhora que cuidava da filha de Hilzonda, relata os horrores daquele lugar:

Quando afinal Joana falou, o que lhe saiu dos lábios foi uma torrente de torpezas e obscenidades que sabiam ao mesmo tempo a esgoto e a Bíblia. O Rei (de Münster – Cidade de Deus) não fora jamais para a velha hussita senão um indigente a quem se concedia comer na cozinha e que ousou dormir com a mulher do patrão (Yourcenar 1981: 74).

Com a condenação à fogueira daqueles hereges, o bispo volta à cidade de Münster trazendo sua amante. Mais uma vez podemos notar a ironia formulada por Yourcenar, o que não deixa de representar situações que ocorriam naquela época: “A catedral pulsava com o rumor dos cantos sacros. O bispo reinstalara, a dois passos do palácio episcopal, sua amante, a bela Júlia Alt, cuja discricção jamais permitiu qualquer escândalo” (Yourcenar 1981: 76).

Além das catástrofes naturais, o século XIV foi um período assolado pela peste negra que dizimou centenas de pessoas (que sucumbiam diante das condições miseráveis e da acumulação de lixo nas cidades que se formavam) que não tinham chances devido aos poucos avanços da medicina (que era ainda restringida e condenada pela Igreja):

O ano de 1549 iniciou-se sob chuvas que destruíram a sementeira dos hortelões e fazendeiros (...). Tais males, no entanto, nada mais eram do que a antecipação de uma calamidade infinitamente mais terrível. Vinda do Oriente, a peste entrara na Alemanha pela Boêmia. Viajava sem pressa, ao som dos sinos, como uma imperatriz. Debruçada sobre o copo do beerrão, soprando a vela do sábio recolhido entre seus livros, ajudando o sacerdote na missa, escondida como uma pulga sob a blusa da prostituta, a peste trazia à vida de todos um fator de insolente igualdade, um acre e perigoso fermento de aventura (Yourcenar 1981: 88).

Por essa época, realizava-se o Concílio de Trento, e mais uma vez temos um diálogo do romance com a história. A Igreja se reunia para assegurar a unidade da fé e a disciplina eclesiástica no contexto da Reforma da Igreja Católica. O Concílio

representava também a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante: “O Imperador ali se instalara para acompanhar os debates do Concílio de Trento, que, como todas as assembleias convocadas para decidir alguma coisa, ameaçava encerrar-se sem nada resolver” (Yourcenar 1981: 97).

As passagens acima citadas nos mostram outro ponto de vista a partir de fatos históricos utilizados pela autora. Esse recontar de um período histórico nos traz a impressão e a expressão de uma vida em meio aos conflitos entre a liberdade individual e as imposições do Estado e da Religião. Nos mostra o quanto o fanatismo religioso pode ceifar a liberdade de expressão, a busca pelo conhecimento científico e humano e, o quão pouco a sociedade atual se distancia em alguns aspectos (fanatismo religioso, moralismos sociais, controle do Estado) da sociedade que nos é apresentada.

2. A vida errante de Zênon: conhecimentos adquiridos

A partir das viagens de Zênon, podemos perceber também a relação estabelecida entre a história e a literatura. Através das experiências do personagem, Yourcenar, pretende nos dar uma imagem do século XVI. De acordo com Hayden White:

Ambos (o romancista e o historiador) pretendem apresentar uma imagem verbal da ‘realidade’. O romancista poderá apresentar a sua noção dessa realidade de forma indirecta, através de técnicas figurativas em vez de a apresentar de forma directa, ou seja, através do registro de uma série de proposições supostamente correspondentes, ponto por ponto, a um qualquer domínio extra-textual de acontecimentos ou ocorrências, tal como o historiador afirma fazer. No entanto, a imagem da realidade que o romancista assim constrói pretende corresponder, em termos gerais, a um determinado domínio da experiência humana que não é menos “real” do que aquele que é referido pelo historiador (White 2005: 44).

Ao longo do romance podemos notar essa aproximação entre os trabalhos da romancista e os do historiador. Mas é preciso deixar claro que se trata de uma aproximação, visto que Yourcenar, mesmo tendo pesquisado fontes históricas, cria um personagem que se desloca em um ambiente povoado de personagens e histórias também inventados. Além disso, a autora modifica algumas datas gerando certos anacronismos.

Os temas mais gerais indicados por Yourcenar pode nos dar o clima de tensão em que vivia a sociedade do século XVI. O conflito entre príncipes, guerras por território [“- A paz está sob ameaça, irmão Zênon. Os príncipes disputam fatias de terra como os bêbados da taberna o fazem pelos pratos.” (Yourcenar 1981: 17)], tensões religiosas, condenações absurdas por enforcamento, mortes na fogueira etc. Esse é o ambiente em que vive o personagem, o que faz aumentar seu desconforto diante de toda essa ignorância.

O nascimento ilegítimo de Zênon é também um fato que nos diz muito sobre suas condições e sua infância e nos mostrará o início da aprendizagem do personagem, das suas primeiras lições de alquimia que instigarão a curiosidade do jovem. Hilzonda, mãe de Zênon, não estava ao lado do pai do menino quando esse nasceu. Alberico de' Nume era um jovem prelado da antiga linhagem florentina. A relação com Hilzonda foi curta, tendo em vista que Alberico teve que retornar à sua vila de origem para assumir um cargo importante na ordem. Hilzonda se descobre grávida após a partida de Alberico. Em seguida ao nascimento do filho, ela tenta avisar o pai, mas sem sucesso. Um tempo depois Alberico é assassinado. O irmão de Hilzonda, Henrique-Justo, então arranja um casamento para a irmã. Zênon é deixado sob os cuidados de Henrique que o encaminha para ser educado pelo Cônego Bartolomeu Campanus:

Henrique-Justo confiou então o estudante aos cuidados do cunhado, Bartolomeu Campanus, Cônego da ordem de São Donato, em Bruges (...). Ensinou ele a seu aluno o latim, o pouco que sabia de grego e alquimia, e instigou a curiosidade de Zênon pelas ciências com a ajuda da *História Natural* de Plínio (Yourcenar 1981: 28).

Ainda na juventude, Zênon, já era confrontado com as crenças e o fanatismo da religião, que condenava brutalmente aqueles que se “distanciavam” dos ensinamentos de Deus. O relato do Cônego Bartolomeu nos dá uma imagem da crença que povoava a mentalidade da sociedade seiscentista:

Naquela manhã, os ceifeiros haviam encontrado uma feiticeira a urinar maliciosamente no campo afim de conjurar a chuva sobre o trigo já parcialmente apodrecido por aguaceiros intempestivos; lançaram-na ao fogo sem outra forma de processo (...). O cônego explicava que o homem, ao infligir aos perversos o suplício das chamas, que dura apenas um momento, não faz senão conformar-se à lei de Deus, que os condena ao mesmo castigo, só que para sempre (Yourcenar 1981: 36).

É nesse clima de perseguição e ignorância que Zênon deixa sua cidade, Bruges, e parte para adquirir conhecimentos mais aprofundados sobre a alquimia, a medicina e a filosofia. Notamos que o personagem é autodidata, aprendendo por si próprio a sabedoria daquelas matérias. Nas palavras de Zênon, vemos que sua busca vai além desses conhecimentos: “- Estou de partida Wiwine - repetiu Zênon. - Vou ver se a ignorância, o medo, a inépcia e a superstição verbal também imperam para além daqui” (Yourcenar 1981: 54).

O personagem é instruído a partir de cadernos proibidos pela inquisição por causa do conteúdo “perigoso”. Esses cadernos eram traduções de filósofos pagãos feitas em sigilo: “Continham também (os cadernos) certo número de opiniões escandalosas sobre a natureza da alma e a inexistência de Deus (...)” (Yourcenar 1981: 56).

Zênon, ainda em suas viagens, se depara com um mundo similar a Bruges, onde a ignorância e o fanatismo religioso imperam. O personagem narra com horror as condenações dos protestantes pela Igreja católica:

(...) pareceu-lhe que aquelas pessoas se dirigiam para ver enforcar um certo alfaiate chamado Adriano, convertido ao calvinismo. Sua mulher era igualmente culpada, mas, como se considerasse indecente que uma criatura do belo sexo ficasse dependurada em pleno céu com as saias drapejando sobre a cabeça dos transeuntes, decidiu-se pelo antigo costume de enterrá-la viva. Essa brutal estupidez horrorizou Zênon, que, aliás, disfarçou a repulsa por detrás de uma impassível máscara facial, pois tinha por regra jamais deixar transparecer seus sentimentos relativamente a tudo o que se referisse às disputas entre o Missal e a Bíblia (Yourcenar 1981: 139).

As mortes se tornavam uma espécie de espetáculo para os ignorantes. Todos aqueles que não seguissem as ordens e imposições da Igreja católica eram condenados de forma brutal. A passagem, a seguir, nos mostra essa “cegueira” causada pelo fanatismo religioso e as condenações infundadas:

(...) sonhava com fogueiras, tais como as que vira por ocasião de um auto-de-fé numa pequena cidade de León, durante o qual pereceram quatro judeus acusados de haver hipocritamente abraçado a religião cristã sem antes renunciarem à prática dos ritos herdados de seus pais, além de um herético que negava a eficácia dos sacramentos. Ele imaginava aquela dor damasiado aguda para a linguagem humana (...) (Yourcenar 1981: 156).

A passagem acima vai ao encontro do que nos diz Peter Burke, em “História como memória social” (Cf. Burke 2000: 66-89) acerca da influência das tradições de certo grupo sobre o comportamento do indivíduo que está inserido naquele mesmo grupo. Uma memória social é construída e passada de geração em geração. Os indivíduos incorporam tradições e gestos que podem, em alguns casos, ser realizados automaticamente; como é o caso dos ritos religiosos referidos na passagem anteriormente citada.

No julgamento de Zênon, vemos imperar a intolerância e a ignorância dos juízes e da Igreja: “Uma tediosa irrealdade reinava nos colóquios em que as perguntas e as respostas não mais se encaixavam. Adveio-lhe adormecer (...). Na verdade, um dos juízes também dormia. Este acordou certo de que a sentença de morte já fora dada, o que fez rir a todos (...)” (Yourcenar 1981: 281).

Zênon sintetiza na seguinte passagem os absurdos do seu tempo e o seu desconforto diante da mentalidade da sociedade e das reprovações impostas, algo que é bastante atual: “É estranho que para nossos cristãos as pretensas desordens da carne constituam o mal por excelência - observou pensativamente Zênon. - Ninguém pune com ódio e repugnância a brutalidade, a selvageria, a barbárie, a injustiça” (Yourcenar 1981: 295).

Esse questionamento nos aproxima da voz narrativa da autora, que em mais de um texto trabalha a questão da liberdade sexual, liberdade da carne e dos prazeres do corpo. Tal fato explica o tom atual da passagem que é uma crítica às injustiças contemporâneas.

3. As memórias de Zênon: reflexões sobre liberdade e identidade

Como o próprio nome da obra indica, Zênon vive num conflito que envolve uma experiência externa, a busca pelo conhecimento científico, e uma experiência interna, a busca por sua liberdade e pelo conhecimento de si, como se percebe na passagem: “É a ele que me dirijo./ E retomou o passo./ Quem? – perguntou Henrique-Maximiliano estupefato. – O prior de León, aquele desdentado?/ Zênon se voltou:/ *Hic Zenon* – respondeu. – Eu mesmo” (Yourcenar 1981: 19).

O capítulo de abertura da obra se inicia com M. Yourcenar citando Picco della Mirandola (Mirandola, 24 de fevereiro de 1463 – Florença, 17 de novembro de 1494, foi um erudito, filósofo neoplatônico e humanista do Renascimento italiano) tirado à obra *Oratio de hominis dignitate*. A passagem é importante para nos orientar acerca do conteúdo existencialista da obra:

Mas tu, a que nenhum confim delimita, por teu próprio arbítrio, entre as mãos daquele que te colocou, tu te defines a ti mesmo. Te pus no mundo, a fim de que possas melhor contemplar o que contém o mundo. Não te fiz celeste nem terrestre, mortal ou imortal, a fim de que tu mesmo, livremente, à maneira de um bom pintor ou de um hábil escultor, descubras tua própria forma... (Yourcenar 1981: 11).

Para além da relação entre literatura e história, temos a busca do indivíduo para conhecer a si próprio, uma busca também pela liberdade num tempo opressivo e onde impera a intolerância: “Jamais olhei para um Apolo nos jardins do Papa sem invejá-lo por estar nu à vista de todos, tal como o fez sua mãe Latona. Só se está bem quando se é livre, e esconder nossas opiniões e ainda mais penoso do que cobrir a própria pele” (Yourcenar 1981: 101).

Mas os custos dessa busca serão altos em um tempo limitado pelo pensamento fanático da religião, um pensamento impositivo e que condena aqueles que não estão adequados a ele: “Esses senhores de Basiléia e o Santo Ofício, em Roma, entendem você o bastante para condená-lo. Para eles, você não passa de um ateu./ Tudo que não é como eles parece-lhes contra eles – comentou amargamente Zênon” (Yourcenar 1981: 102).

A passagem a seguir de *A obra em negro* nos faz lembrar Voltaire em sua discussão acerca da razão. No conto intitulado *História de um Brâmane*, temos: “(...) e todavia não encontrei ninguém que quisesse aceitar o pacto de se tornar imbecil para andar contente. Donde concluí que, se muito nos importamos com a ventura, mais ainda nos importamos com a razão” (Voltaire 1951: 227). Voltaire se questiona sobre a escolha entre felicidade na ignorância ou a dúvida, o desconforto, na busca pela razão. Prefere-se a segunda proposição, mesmo se sabendo das consequências. Assim

também o faz Zênnon, que prefere a dúvida gerada pelos longos estudos: “- Irmão Zênnon - disse o capitão -, acho-o magro, cansado, algo selvagem e vestido com uma túnica tão miserável que nem meu criado usaria. Valeu a pena estudar durante vinte anos para chegar à dúvida, que por si só cresce em todas as cabeças bem formadas?” (Yourcenar 1981: 103).

A temática da busca pela liberdade, pelo conhecimento de si, pelo choque entre o indivíduo e a sociedade pode ser visto em outras obras de Yourcenar, e aqui também temos essa temática. Zênnon decidia seu próprio destino:

Inutilmente, Zênnon o fazia ver que os astros influenciam nossos destinos, mas não os decidem (...). Érico, porém, era daqueles que preferem receber seu destino de fora, fosse por orgulho, pois achava belo que o próprio céu se ocupasse de sua sorte, fosse por indolência, para não ter de responder nem pelo bem nem pelo mal que trazia em si. (Yourcenar 1981: 129).

A perseguição ao personagem faz com que esse adote um nome fictício (Sebastião Theus). Aqui surge mais um conflito para Zênnon que, não podendo assumir a liberdade, a personalidade que deseja, cria uma máscara para si, como forma de se adaptar a sociedade, numa “existência clandestina”:

Sebastião Theus era um nome fictício, e seus direitos ao de Zênnon não eram dos mais tangíveis. *Non habet nomen proprium* (Não tem nome próprio): ele era um desses homens que não deixam de se assustar até o fim pelo fato de terem um nome, como alguém, ao mirar-se num espelho, se assuste por ter um rosto, e por ser precisamente aquele rosto. Sua existência era clandestina e sujeita a certos constrangimentos: ela sempre o fora (Yourcenar 1981: 151).

Ao final da primeira parte da obra, temos representado o fim das viagens do personagem. Zênnon, então, na tentativa de pensar seu passado, tem consciência de que suas memórias serão influenciadas pelo convívio com os demais indivíduos da sociedade. Ou seja, ele necessitará de uma memória coletiva, uma memória que foi construída a partir de sua interação com os indivíduos de sua comunidade (Cf. Halbwachs, 2006: 71-111). Esse fato é demonstrado na passagem seguinte:

A rigor, quase a contragosto, esse peregrino ao fim de um percurso de mais de meio século obrigava-se pela primeira vez na vida a recompor em pensamentos os caminhos palmilhados (...) empenhando-se em fazer a escolha entre o pouco que parecia advir de si e o que pertencia ao acervo comum da sua condição humana (Yourcenar 1981: 160).

Ainda que Zênnon fosse um grande estudioso e pensador e buscasse lutar contra a ignorância, ele sabia que não alcançaria a liberdade que desejava. Era preciso se adequar, de certa forma, às imposições do seu tempo, pois senão corria o risco de ser condenado:

Aos vinte anos, acreditara-se livre das rotinas e dos preconceitos que paralisavam nossos atos e põem antolhos ao entendimento; sua vida, porém, consistira, a partir de então, em conquistar pouco a pouco a liberdade cuja soma julgara à primeira vista possuir (...). Médico, alquimista, artífice e astrólogo, trajava ele, de bom ou de mau grado, o uniforme de seu tempo (...) (Yourcenar 1981: 161).

Na passagem que se segue vemos a atualidade da obra, o que nos faz perceber que mesmo se tratando de uma volta ao passado, ainda assim a obra é contemporânea, pois se retoma o passado através da visão do presente, a visão do século XX com seus conflitos e problemas, com as guerras que abalaram a humanidade. Vemos ainda a ignorância em relação à crença religiosa:

Vá eu dizer aos infelizes que a coifa de ouro de Nossa Senhora e seu manto azul não passam de um inexpressivo símbolo dos esplendores do céu, e o céu, por sua vez, de uma releitura gravura do Bem invisível, e concluirão eles que não creio nem em Nossa Senhora nem no céu (Yourcenar 1981: 189).

Outro trecho que reflete a atualidade da obra e um pensamento contemporâneo trata de problemas como as guerras sem justificativa, a busca desenfreada pelo poder, a desigualdade social, a miséria intelectual: “Os homens se acostumam à ferocidade das leis de seu tempo, assim como às guerras deflagradas pela estupidez humana, à desigualdade das condições sociais, ao péssimo policiamento das estradas e à incúria das cidades” (Yourcenar 1981: 211).

Por fim, o personagem após sua prisão, não se rende aos desejos do outro. Ele faz sua própria escolha até o último momento. Mesmo diante da condenação brutal à morte, Zênon opta pela liberdade na busca pelo conhecimento, liberdade do pensamento e do desejo:

Cabia-lhe decidir se seus dias terminariam na Praça Central, em meio aos apupos da multidão, ou tranquilamente entre aquelas paredes cinzentas. Cabia-lhe, em seguida, atrasar ou antecipar de algumas horas o supremo ato, de escolher, se quisesse, ver raiar o sol de uma certa manhã de 18 de fevereiro de 1569, ou de expirar na véspera (...) (Yourcenar 1981: 308).

O fim trágico do personagem nos mostra os desafios na busca pela liberdade, na tentativa de dissipar a escuridão da ignorância que constitui um fator de controle social e intelectual.

Considerações finais

“(...)
 Melhor será morrer de alma serena
 Do que sofrer a irreparável pena
 Que o faria mudar estilo e vida.
 (...)”

A citação acima é introdutória da terceira parte da obra, tirada a Júlio de Médicis, e com a qual Marguerite Yourcenar mais uma vez nos traz a temática do conflito entre o social e o individual na busca pela liberdade de atitude e de pensamento.

Essa rica relação entre a história e a literatura possibilitou a Yourcenar a criação de um personagem inventado que não se deixa dominar pelas imposições e pelo pensamento vigente no século XVI. Um pensamento religioso absurdo que condenava brutalmente homens, mulheres e crianças a mortes cruéis.

A atualidade da obra nos faz refletir sobre a ignorância vigente no nosso século, em que se prevalecem ainda guerras absurdas motivadas pela busca de poder, de dominação material e intelectual, pela anulação do indivíduo em prol de um pensamento coletivo moldado por aqueles que mantêm o controle ideológico.

A COMMENTED READING OF *A OBRA EM NEGRO* BY M. YOURCENAR

Abstract: This article aims to study the work *A Obra em Negro* by Marguerite Yourcenar, seeking to reflect on the literary construction from the reinterpretation of a defined historical moment: the course of the sixteenth century, which is marked by the end of the Middle Ages and the Renaissance beginning. It will be analyzed the main character, Zênon, who desires to know the science studies and to know himself. It will be checked also the conflict between his ideas and the society impositions marked by religious intolerance and the Inquisition.

Keywords: History; Literature; individual; Inquisition.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. História como memória social. In: *Variedades da história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 66-89.

HALBWACKS, Maurice. Memória coletiva e memória histórica. In: *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, pp. 71-111.

MARSON, Isabel Andrade. Obras de ficção revelam características de momento histórico. Disponível em: www.comciencia.br/entrevistas/2004/10/entrevista2.htm Acesso em: 04 abr 2012.

VOLTAIRE. *Contos e Novelas*. Plano de edição e introdução biográfica de Roger Bastide. Tradução de Mário Quintana. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1951, p. 225-227.

WHITE, Hayden. As ficções da representação factual. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Deslocalizar a Europa*. Lisboa: Edições Cotovia, 2005.

YOURCENAR, Marguerite. *A Obra em Negro*. Tradução: Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ARTIGO RECEBIDO EM 31/08/2012 E APROVADO EM 05/10/2012.